

Futebol arte, IOF e desemprego

Walter Barelli *

Um dos grandes problemas de formulação de políticas econômicas é a conciliação dos objetivos de curto prazo e de longo prazo. Boa parte das previsões da teoria econômica são previsões de longo prazo, de modo que é razoável encontrar economistas defendendo políticas cujos resultados levam um tempo considerável para aparecer, como a criação de condições estruturais para um futuro mais próspero. Por outro lado, as políticas macroeconômicas de curto prazo determinam em grande parte os sucessos e fracassos de empreitadas individuais, que englobam desde os grandes projetos de investimentos de empresas até os projetos de vida de cada trabalhador. É claro, então, que devemos lutar por políticas econômicas que aumentem o bem-estar da população no dia-a-dia e o problema é conciliar tais políticas com objetivos de longo prazo.

O caso brasileiro é um exemplo desse fenômeno. Não há dúvidas de que a política econômica segue linhas gerais bastante razoáveis ao buscar reformas estruturais que, se realizadas a contento, poderão levar o País a taxas de crescimento econômico sustentáveis. No longo prazo, o crescimento econômico pode vir a ser tal que o desemprego deixe de ser problema. O remédio para o desemprego seria, então, criar condições para o crescimento econômico, o que, de alguma maneira, está sendo realizado pelo atual governo.

Entretanto, o longo prazo pode estar muito longe, ou, como diria Keynes, no longo prazo estaremos todos mortos. Há os perdedores de curto prazo, aqueles que pagam a conta de um possível fu-

turo melhor. Quer dizer, no processo de reformas estruturais, a política econômica adotada para curto prazo é perversa com boa parte da população: estabilidade monetária baseada em poupanças externas requer taxas de juros elevadas, o que, em contexto de crise internacional, implica taxas de juros extremamente elevadas, escorchantes.

A redução da demanda interna resultante faz com que o desemprego atinja níveis sem precedentes, como atestam os recentes recordes nas taxas de desemprego. Os desempregados não podem esperar até que o longo prazo chegue e traga consigo novos empregos. Esse desemprego deve ser combatido com políticas econômicas de curto prazo. Se há um saco de maldades es-

perando por quem atacar a estabilidade do real, deveria haver um saco de bondades para aqueles que sofrem em nome dos objetivos de longo prazo.

O que deve ser saudado nos recentes acontecimentos, que levaram à redução da taxa do IOF de 15% para 6%, é que um objetivo de longo prazo, a retomada do crescimento e a redução do número de desempregados, passa a ser considerado na política macroeconômica de curto prazo. Os céticos acham a medida insuficiente. Dizem que seus efeitos serão ínfimos, que deveríamos caminhar mais na redução da taxa de juros. Os próximos meses mostrarão quem está mais próximo do acerto: os otimistas ou os céticos.

No entanto, considerando quão ortodoxa tem sido a execução da política econômica, é possível enxergar que seus formuladores começam a considerar a variável emprego em suas frias equações.

Ainda são muito temerosos, como todos os monetaristas, mas do mesmo modo que o técnico teimoso, que depois de muito hesitar decide atender à arquibancada que pede Denilson, eles deixam de lado a teimosia e melhoram a eficiência de suas táticas, ainda que rezando para que a eficácia estrutural não sofra abalos nesse afago à torcida.

Assim como há o futebol de resultados e o futebol arte, a economia também pode incorporar a alegria, a satisfação de reduzir as taxas de desemprego, sem prejuízo aos resultados macroeconômicos. Medidas bem calibradas no curto prazo podem tornar as dificuldades do dia-a-dia mais amenas enquanto esperamos os resultados do longo prazo. ■

* Economista, ex-ministro do Trabalho (governo Itamar Franco), ex-secretário do Emprego e Relações do Trabalho de São Paulo (governo Mário Covas) e ex-diretor técnico do Dieese.

